

1

Introdução

Como se escolhe um tema para a dissertação? Diante de tantos assuntos interessantes, livros que foram lidos no tempo da graduação, aulas e temas de seminários com conteúdos relevantes, como um aspirante e depois estudante de pós-graduação pode escolher um tema, fazer um corte epistemológico e se fixar num único problema? Esse talvez seja o estágio mais difícil de uma pesquisa acadêmica: a delimitação do tema. Muitos não conseguem ultrapassar essa fase, afinal de contas existe um universo enorme de assuntos, temas, por que temos que escolher apenas um? Mas esse é o universo da pós-graduação, neste ambiente exige-se foco, delimitação. E para se chegar em algum lugar é necessário um método.

Esta pesquisa se guia pelo método bibliográfico. Através da pesquisa bibliográfica percorremos páginas e páginas de muitos livros de Paul Tillich, de outros teólogos e filósofos que de uma maneira muito especial enriqueceram o trabalho e foram responsáveis por chegarmos até aqui. Mas afinal quais foram às razões que me levaram a escolher este tema? Alguém poderia achar que a escolha de um teólogo com um conteúdo filosófico tão profundo me levaria a uma jornada árida. Mas o interesse pelo tema surgiu de um questionamento pastoral e de algumas perguntas: Como algumas lideranças evangélicas conseguem falar, sem nenhum pudor em nome de Deus? Como esses homens podem afirmar que são sabedores da vontade de Deus, se colocando como fonte de discernimento dessa vontade? Estes questionamentos pastorais se desdobram em tantos outros que estão inseridos na área de estudo da Teologia Fundamental.

Nasce, então, uma pergunta fundamental: Como a revelação de um Deus transcendente pode ser acolhida por um ser humano finito, sem tornar Deus objeto da manipulação humana? Dessa pergunta se desdobram outras: como o ser humano finito, na existência, pode ter alguma relação com o transcendente? Como a revelação de Deus que é acolhida na realidade humana pode ser ouvida sem que seja confundida com os meios da mensagem? Essas indagações nos levaram a algumas afirmações norteadoras da pesquisa. Essas afirmações perpassam todo o corpo da pesquisa e foram sustentadas com base em algumas

obras do teólogo teuto-americano Paul Tillich. Essas afirmações refletiram uma preocupação sobre o conhecimento de Deus no mundo contemporâneo.

O conhecimento de Deus, condicionado pela finitude humana, corre o risco de se tornar um conhecimento como outro qualquer, pois a única maneira de o ser humano conhecer a realidade à sua volta é sempre através da estrutura sujeito-objeto. Essa afirmação demonstra o teor desta pesquisa de mestrado, e foi o fio condutor e hipótese de trabalho da dissertação. Deus não pode ser um objeto do conhecimento como se fosse uma coisa entre outras coisas. Sendo assim, a pesquisa propõe-se estudar a teologia de Paul Tillich, um teólogo neo-ortodoxo, que postula o conceito de símbolo como linguagem da fé enquanto caminho para que a revelação de Deus seja acolhida, sem tornar Deus objeto de idolatria e fanatismos. A nossa pesquisa se norteou por esses temas. Os três capítulos da dissertação tiveram o objetivo de responder aos questionamentos propostos, tendo como finalidade a conclusão de que o símbolo participa da realidade que ele aponta e por isso pode falar de Deus mesmo, sem reduzi-lo a uma ideia ou a um objeto que pode ser esgotado pelo conhecimento humano.

No segundo capítulo, fizemos uma breve introdução sobre o cenário religioso latino-americano e uma breve síntese sobre o pensamento e a vida do teólogo teuto-americano Paul Tillich. Além disso, tratamos da possibilidade do ser humano finito ter alguma relação com o infinito. Falamos também de um tipo de mentalidade que acredita num Deus fora do mundo e apontamos alguns caminhos para refutar essa ideia, com base num panenteísmo inspirado em Espinosa. Ainda neste capítulo, tratamos da ontologia de Paul Tillich, ressaltando que o ser humano é alguém alienado existencialmente da sua essência. Outro tema abordado, empréstimo da filosofia, foi a questão do ser e do não-ser. O ser humano é um ser marcado pela finitude. Essa é a condição de ser criatura. E como afirmou P. Tillich, isto não é uma consequência direta da alienação e do pecado. Sendo assim, existir implica em finitude e separação, como consequência da situação de ser criatura. Afirmamos, então, com base na pesquisa bibliográfica que a finitude humana, que é marcada pelo não-ser, é um dos fatores que levam à pergunta pela revelação. A condição humana levanta as perguntas e a teologia dá as respostas implícitas na revelação.

Outro ponto tratado pela pesquisa que nos ajuda a entender o símbolo, como uma dimensão que pode nos comunicar algo do divino, é o conceito de

individualização e participação tratados no tema sobre a finitude e a infinitude. O problema da finitude levou a outro assunto importante para o desenvolvimento da dissertação, que é a realidade de um ser humano finito, limitado pela história como alguém que se configura no mundo. O ser humano é alguém que tem um mundo diante de si, e que ele possui, mas dialeticamente ele pertence a esse mundo. Para P. Tillich, não se trata de saber se existe um eu, mas a questão é se existe a consciência da relação entre o eu e o mundo. A razão e os problemas levantados na história da filosofia sobre os limites do conhecimento humano também foram abordados neste segundo capítulo. A perspectiva adotada por Paul Tillich entende que os conflitos suscitados pela finitude da razão na existência levam à pergunta pela revelação.

No terceiro capítulo, a pesquisa se deteve sobre a questão da revelação em relação a existência humana. Se a finitude, o não-ser, e os limites da razão levam à pergunta pela revelação foi necessário usar um capítulo, o maior, para falar sobre a revelação. Num primeiro momento, falamos sobre o significado da revelação, seus conteúdos, o quê é revelado. Depois demos alguns passos em direção a condição de possibilidade para o conhecimento da revelação. Outro ponto abordado foi a constatação de que existe uma abertura existencial no ser humano para que seja possível o conhecimento de Deus. Neste assunto, discutimos dois métodos, dois caminhos que a tradição cristã nos aponta para chegar ao conhecimento de Deus: o método ontológico e o método cosmológico. O primeiro defendido por Agostinho de Hipona e a escola franciscana, e o segundo, representado por Tomás de Aquino. O argumento ontológico em favor da existência de Deus, de acordo com P. Tillich, não trata somente da existência ou não de Deus, mas da sua evidência imediata na alma. E mesmo propondo a revisão desse método, P. Tillich concorda que o abandono da visão agostiniana causaria o fim da religião.

Ainda no terceiro capítulo, voltamos ao tema do limite da razão, mas agora numa perspectiva que faz um contraste entre conhecimento controlador e um tipo de conhecimento que exige ao mesmo tempo aproximação e distanciamento. Fator que deve estar presente em todo ato cognitivo. Deus não pode ser conhecido pela razão técnica, pelo conhecimento controlador, que exige afastamento, pois o conhecimento de Deus exige uma aproximação existencial. Mais adiante tratamos sobre a necessidade da aproximação para se

conhecer Deus e em outro ponto falamos sobre a relevância da experiência no conhecimento da revelação. Em relação à experiência sabemos que estamos experimentando algo. Mas essa intencionalidade (Edmund Husserl) precisa de uma interpretação (Paul Ricoeur). Não existe uma experiência puramente “objetiva”, neutra e não-interpretada. Além de tratar sobre o significado da palavra experiência a pesquisa se deteve sobre alguns aspectos epistemológicos para entender a experiência humana. Esse ponto foi extremamente importante para fornecer um embasamento teórico para a compreensão de que há na revelação uma perspectiva existencial que exige aproximação para que o ser humano entre numa correlação com Deus.

O sentido da revelação foi abordado no terceiro capítulo através do conceito de mistério, êxtase, milagre e a palavra foi entendida como meio da revelação. Jesus é apresentado como Novo Ser e o critério último da revelação final. Baseando-se nos texto de Paul Tillich concluímos que a revelação final em Jesus Cristo vence os conflitos da razão. A presença do fundamento divino como se apresenta em Jesus como o Cristo é responsável pela substância espiritual presente em todas as formas criativas da razão. Essa presença dá a dimensão de profundidade que une heteronomia e autonomia através de símbolos expressados em mitos e ritos. E por fim, Deus é apresentado como fundamento da revelação.

A realidade do mito, do culto e dos símbolos foi objeto da pesquisa no último capítulo e foi abordada de um modo mais breve se comparado ao segundo e ao terceiro capítulo. A justificativa por um número menor de páginas no capítulo final, que aborda justamente a conclusão das hipóteses propostas, se dá pelo fato de ser um tema rico e frutífero que terá continuidade numa pesquisa de doutorado. Neste quarto capítulo, a pesquisa se deteve sobre o lugar do símbolo no conhecimento de Deus no mundo contemporâneo. Tratamos do tema da arte como uma maneira de falar do real, do mito como um espaço profundo para expressar o Sagrado e o lugar do símbolo neste universo. Falamos também sobre o significado da palavra símbolo, em diversos autores. Fizemos uma correlação entre o símbolo e Deus e apresentamos os argumentos oferecidos por P. Tillich sobre a dimensão do símbolo com linguagem da fé. O último ponto deste capítulo foi um tema muito interessante e fundamental para a nossa pesquisa e diz respeito principalmente sobre a

impossibilidade de tornar Deus objeto de manipulação humana, que é o conceito de “Deus acima de Deus”. Concluimos a pesquisa apontando as contribuições da teologia de Paul Tillich para uma espiritualidade mais cristã, que não torne Deus objeto de manipulação humana, reduzido a uma ideia e a formulações teológicas.